

"A conectividade substituiu a autoridade familiar"

O Globo - coluna - Conte algo que não sei - Por Árion Lucas - 07/07/2017

Julio Moreno - psicanalista argentino - participou de jornada científica promovida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

"Tenho 72 anos e hoje dirijo o mestrado de Psicanálise de Família e Casal do Instituto Universitário de Saúde Mental da Associação Psicoanalítica de Buenos Aires. Compreendi desde o início a importância de estudar psicanaliticamente as crianças, as famílias e seus vínculos, o que me inspirou a escrever alguns livros a respeito do tema. "

Diz um poema do espanhol Antonio Machado que o "Caminhante não tem caminho/Faz caminho ao andar". Essa é a característica dos nascidos na pós-modernidade: se jogarem. Não têm um programa claro, mas várias direções pelas quais ir, lançando-se a um futuro que não dá medo, pois já não seguem o passado, rompem com ele. Por isso, não há uma continuidade dos elementos culturais, e sim a interrupção em detrimento de se buscar a incerteza.

O que mudou da modernidade para a cá?

A estrutura familiar moderna, que teve seu ápice no início do século passado, existia em um contexto de cercamento, vigiada pela Igreja e pelo Estado, a fim de perpetuar a fortuna e gerar herdeiros. Assim, o filho substituíam o pai, e a filha, a mãe. As crianças eram criadas em casa, conheciam no máximo os irmãos, talvez um primo... Mas já não há esse lar fechado. Não se trata de ocupar um lugar, mas habitar situações que sempre mudam. Se você mostrar um celular para um bebê, ele aprende logo a avançar sobre a tela com o dedo, uma vez que já está configurado para que nada o controle. As janelas estão por todos os lados.

Que espaço ocupam os passatempos infantis nesse ambiente propício à abertura?

A conectividade substituiu a autoridade familiar. Até a modernidade, os jogos eram de um passado histórico, como bonecos de velho oeste ou de piratas. Isto é, o passado servia para repensar o presente. Hoje, no entanto, os jogos representam o futuro incerto. Os heróis não se transformavam: Clark Kent era Clark Kent, por mais que se disfarçasse de Superman. Agora, o Ben 10 se transforma, os Pokémon têm evoluções, a moda musical dura alguns meses...

Até que ponto a perda de referência afeta a concepção atual de família?

Se lançar traz, claro, mais liberdade. A questão de gênero, por exemplo, avançou bastante. Abriam-se as portas para entender como uma pessoa se sente num corpo com o qual não se identifica. O ponto, para além da sexualidade, é o papel assumido por cada um, até porque não existe agora aquela ideia do homem como centro da estrutura familiar. Um homem pode representar bem o papel de mãe, ou uma mulher pode representar o papel de pai.

As pessoas têm conseguido se adaptar bem à fluidez?

A sociedade ainda está aprendendo que tudo muda a qualquer hora, de modo que impactos negativos são inevitáveis... Nas famílias recompostas, em geral os enteados atacam o novo núcleo, e o desafio é reformular metas sem atar-se a construir algo igual. É duro também, mas uma realidade constante, os pais na separação usam os filhos para destruir a imagem um do outro, produzindo muito ruído na cabeça das crianças, que simbolizam esse elo: pai e mãe fizeram uma promessa, consciente ou não, de estarem juntos, mas não sabem lidar com o efêmero.

As teorias psicanalíticas vêm seguindo as mudanças?

Dispositivos como o Google ocupam o lugar do sábio, antes reservado às pessoas. Na escola, o professor não pode mais dizer que sabe tudo, pois, se o fizer, inibe a criatividade dos alunos. A figura do psicanalista, cuja missão era descobrir o que estava enterrado no inconsciente alheio, era venerada... Todavia, creio, não se deve mais desenterrar tesouros, e sim, a partir do vínculo entre analista e paciente, produzir um encontro criativo onde possa surgir o novo. E aí, então, interpretá-lo.